

Reflexividade ou domínio de si? Um estudo sobre as particularidades do sujeito moderno para Anthony Giddens e Michel Foucault

Ana Ligia Muniz Rodrigues

Estudante de Graduação do 7º período em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. Integrante do Programa de Iniciação Científica- PIVIC

Palavras chave:

Cuidado de si;
Indivíduo Moderno;
Reflexividade;

Key words:

Care of Oneselve;
The Modern
Individual; Reflexivity;

RESUMO: Este trabalho visa refletir acerca da concepção do sujeito moderno para os sociólogos Anthony Giddens e Michel Foucault na medida em que ambos, na condição de pensadores contemporâneos, descreveram seu modo de ver os arranjos sociais que predominaram no século XX. Para esse desígnio abordarei aspectos gerais da obra dos pensadores e posteriormente suas considerações sobre o indivíduo e as instituições da vida moderna.

ABSTRACT: This work aims to discuss on the concept of the modern subject inside the texts of the sociologists Anthony Giddens and Michel Foucault, for that both of them, as of contemporary thinkers, described the way they see the social arrangements that prevailed in the twentieth century. For this purpose I will discuss general aspects of the work of these thinkers and their concerns about the "individual" and other institutions of modern life.

Introdução

Para Michel Foucault (2006) a modernidade não pode ser discutida sem a concepção de poder e o entendimento da relação do indivíduo com o saber junto à noção de verdade. Através de suas concepções de Arqueologia enquanto método próprio para análise da discursividade local e denunciante das regras que condicionam o aparecimento do discurso e da Genealogia como tática de análise que reflete posicionamento político concebendo a história como relacionada aos compromissos do momento, ele estuda a história do pensamento não buscando uma filosofia do sujeito, mas a relação do homem como ser pensante com a economia, a política, a história e com as estruturas sociais existentes. Diante desse estudo sobre as transformações do modo de pensar dos sujeitos e do reconhecimento do poder exercido pelas instituições sobre estes, através da disciplina, é fundamental para a compreensão da obra foucaultiana o apontamento de algumas características centrais do sujeito moderno.

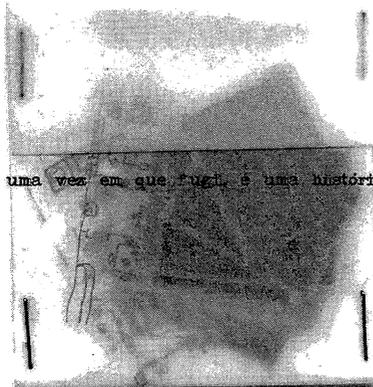
Anthony Giddens (1991), por sua vez também atenta para a importância de se compreender a origem da modernidade para entender suas conseqüências, cada vez mais radicalizadas e universalizadas, que em suas dimensões globais afetam os indivíduos. Ambos partem de um diagnóstico das instituições modernas para perceber qual o lugar do sujeito na esfera social do mundo moderno.

Desdobramentos de uma Microfísica do poder

Em sua obra, Foucault se debruça sobre uma analogia do sujeito moderno como uma realidade histórica e social, ou seja, a idéia de um sujeito não estático que acompanha as mudanças nas estruturas sociais ao longo da história e ao mesmo tempo busca as formas de apreensão que o sujeito cria a respeito dele mesmo. Essa relativização do sujeito ou do objeto às transformações históricas põe fim a uma concepção de universalidade do sujeito visto que ele descreve o caráter provisório e inconstante de suas necessidades.

"É preciso distinguir. Em primeiro lugar, eu efetivamente penso que não há um sujeito soberano, fundamental, uma forma universal de sujeito que se poderia encontrar em qualquer lugar. Sou muito cético e muito hostil a esta concepção de sujeito. Penso, ao contrário, que o sujeito se constitui através de práticas de sujeição, ou, de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade, a partir, é claro, de um certo número de regras, estilos, conven-

houve uma vez em que fugi, é uma história linda.



ções, que se encontram no meio cultural”
(FOUCAULT, 2005, p. 133).

Sua análise do pensamento consiste no entendimento das ações humanas como uma relação entre sujeito e objeto através de uma história crítica do pensamento que seria uma análise das condições nas quais se formaram ou se modificaram certas relações do sujeito como o objeto, sendo essas constitutivas de um saber possível (FOUCAULT, 2006). Esse sujeito é constituído por dois tipos de mecanismos. Os mecanismos de objetivação, que tornam o homem um objeto dócil submetido à disciplina, e os mecanismos de subjetivação que constroem um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída. Foucault (2006) acrescenta:

“Essa objetivação e essa subjetivação não são independentes uma da outra; do seu desenvolvimento mútuo e de sua ligação recíproca se originaram o que se poderia chamar de “jogos de verdade”: ou seja, não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso. Em suma, a história crítica do pensamento não é uma história das aquisições nem das ocultações da verdade; é a história da emergência dos jogos de verdade; é a história das veridicações, entendidas como as formas pelas quais se articulam, sobre um campo de coisas, discursos capazes de serem ditos verdadeiros ou falsos” (FOUCAULT, 2006, p.235).

Foucault tenta estudar a constituição do sujeito compreendendo-o como objeto dele próprio, como o sujeito se observa, se analisa e se considera um campo do saber. Os jogos de verdade é que tornam o sujeito objeto de conhecimento e daí surge a necessidade de estudo das relações de poder na modernidade, que tem como principal característica sua multiplicidade. Para o autor o poder encontra-se distribuído na rede social não se resumindo apenas à dominação.

“Em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso” (FOUCAULT, 1979, p. 179).

A relação entre o poder e o saber é fundamental para se entender o sujeito moderno, pois este último é produto das relações de poder. O autor francês propõe uma crítica ao conhecimento, observando os jogos de poder que permeiam esses saberes e compreendendo que as instituições modernas se organizam através dessa associação saber/poder para alcançar estratégias disciplinares de dominação.

O corpo humano entra numa maquinaria de

poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica de poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com os técnicos, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.

“A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. Aumenta também as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo, faz dela por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; inverte por outro lado energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (FOUCAULT, 2007, p. 119).

Ao descrever a instabilidade no exercício do poder Foucault também mostra que dentro dos jogos de poder o sujeito possui um mecanismo de subversão: a sua subjetividade. Partindo do pressuposto de que uma pequena relação de poder pode gerar várias outras imprevisíveis, e que as relações de poder só podem existir sobre o sujeito, a sua fuga desses mecanismos de controle são as técnicas de si que possibilitam o domínio e o entendimento que ele tem de si mesmo. Visto que as ações do sujeito são repletas de subjetividade, o sujeito moderno tem como maior objetivo a busca pela temperança. Para utilizar esse conceito o autor parte de estudos sobre a estética da existência e sobre o domínio de si e dos outros da cultura greco-romana nos dois primeiros séculos do império mostrando que o conhecimento do sujeito sobre si mesmo já era problematizado na antiguidade. (FOUCAULT, 1999b)

“A temperança é entendida como um dos aspectos de soberania sobre si e não menos do que a justiça, a coragem ou a prudência, uma virtude qualificadora daquele que tem a exercer o domínio sobre os outros. O mais real dos homens é rei de si mesmo, basilikos, basilevon heauton” (FOUCAULT, 1999a, p. 75).

Foucault complementa o conceito de técnicas de produção, técnicas de significação ou comunicação e as técnicas de dominação expostas por Jürgen Habermas apontando para uma nova técnica existente em todas as sociedades, as técnicas de si. Em suas primeiras obras ele se debruça sobre a idéia de sujeito a partir das práticas coercitivas e de uma ordem do controle. Porém na *história da sexualidade* ele começa a compreender o indivíduo como capaz de desenvolver mecanismos de subversão dos aparelhos disciplinares, através das técnicas de si.

As técnicas de si estão relacionadas à produção de novas verdades, novos conhecimentos e novos modos de subjetivação pelo sujeito. Somente criando novas possibilidades é que o sujeito se constitui enquanto resistência aos mecanismos de dominação. Para Foucault o sujeito é livre a partir do momento que domina a si mesmo, que se aperfeiçoa e se transforma, que chega a um estado sublime do alcance de suas vontades.

"Talvez seja possível, se nos ativermos a certas proposições de Habermas, distinguir três tipos principais de técnicas: as técnicas que permitem produzir, transformar, manipular coisas; as técnicas que permitem utilizar sistema de signos; e, finalmente, as técnicas que permitem determinar a conduta dos indivíduos, impor certas finalidades ou determinados objetivos. Temos então as técnicas de produção, as técnicas de significação ou de comunicação, e as técnicas de dominação. Fui me dando conta, pouco a pouco, de que existe em todas as sociedades, um outro tipo de técnicas: aquelas que permitem aos indivíduos realizar, por eles mesmos, um certo número de operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas, de modo a produzir neles uma transformação, uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural. Chamemos essas técnicas de técnicas de si" (FOUCAULT, 2006, p.95).

O conceito de confiança formulado por Anthony Giddens

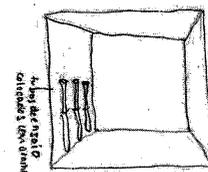
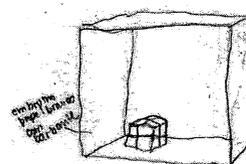
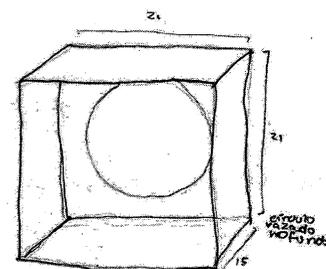
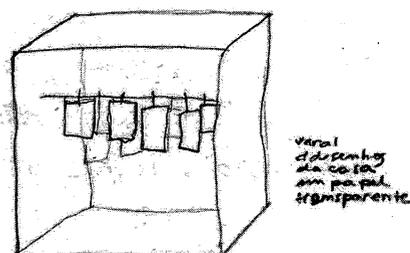
Anthony Giddens considera que a história humana é marcada por descontinuidades e aponta que a modernidade possui um ritmo próprio. A transição de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação. Esta última é caracterizada por um processo de destradicionalização e principalmente por um aumento da produção e da circulação do conhecimento.

Giddens considera o período de maior desenvolvimento industrial pertencente à modernidade, entretanto após essas constantes mudanças na estruturas e nas relações sociais ele apresenta um novo conceito para se entender a contemporaneidade classificando-a como a alta modernidade ou modernidade radicalizada. Assim, ao ressaltar a relevância da informação na atual sociedade ele nos mostra como o processo de globalização influencia os indivíduos. É através de uma interpretação descontinuista do desenvolvimento social moderno que podemos entender a concepção dos sujeitos para o autor.

As noções de estrutura e ação são essenciais para se compreender o sujeito moderno. Na pré-modernidade o sujeito desenvolvia suas ações a partir da tradição, pois tempo e espaço estavam conectados. Já na modernidade reflexiva ou na alta modernidade há uma ruptura entre tempo e espaço e posteriormente uma recombinação entre estes que Giddens considera o

motor do dinamismo na sociedade moderna. Ele compreende a sociedade como um só composto, de duas faces: a estrutura e o agente. Ambos compõem o todo social, onde há uma dualidade na estrutura, pois ao mesmo tempo em que ela é capacitadora ela é restritiva.

"As estruturas referem-se a uma ordem virtual de relações, fora do tempo e do espaço. As estruturas existem somente em sua exemplificação nas atividades cognitíveis de sujeitos humanos situados, os quais as produzem como propriedades estruturais de sistemas sociais incrustados em extensões de tempo-espaço. Portanto, o exame da dualidade da estrutura envolve sempre estudar o que denominei anteriormente as dimensões ou eixos da estruturação" (GIDDENS, 2003, p.358).



A separação entre tempo e espaço é fundamental para o processo de desencaixe das instituições abrindo portas para múltiplas possibilidades de mudança devido ao esvaziamento do lugar. Giddens (1991) afirma que "o espaço sem o tempo está propício a penetração de influências sociais bem distantes dele". As organizações modernas são capazes de conectar o global e o local, e isso afeta diretamente o sujeito.

"Analisar a coordenação espaço-temporal de atividades significa estudar as características contextuais de locais onde os atores sociais se movimentam em seus percursos cotidianos e a regionalização de locais que se estendem através do tempo-espaço. Tal análise é inerente à explicação do distanciamento tempo-espaço e, por conseguinte, ao exame da natureza heterogênea e complexa adquirida por totalidades sociais mais vastas e pelos sistemas intersociais em geral" (GIDDENS, 2003, p.337).

Giddens caracteriza o processo de desencalxe como sendo composto por dois mecanismos: as fichas simbólicas e os sistemas peritos. As fichas simbólicas são meios de intercâmbio que circulam em qualquer conjuntura e dependem profundamente da confiança nas capacidades abstratas das instituições modernas como o dinheiro, por exemplo. Já os sistemas peritos são sistemas de competência profissional que organizam o ambiente material e social que vivemos e também depende da confiança do sujeito nessas organizações. O uso do automóvel é um ótimo exemplo de como o indivíduo se sujeita a tal sistema confiando em suas habilidades funcionais garantidas por peritos.

Para o autor esses dois mecanismos de desencalxe comprovam que as relações sociais modernas não precisam necessariamente ocorrer nas mesmas mediações, caracterizando a ruptura entre tempo e espaço, a relação entre o local e global. O sujeito moderno age por excelência através da consciência do risco e das conseqüências de suas próprias atitudes e não por uma vontade de natureza. O processo de reencaixe também faz referência à confiança, pois remete a "compromissos que antes eram "sem rosto" e que se tornam "compromissos com rosto". A confiança no conhecimento que move os sistemas peritos é fundamental para o desenvolvimento das relações sociais.

"A confiança pode ser definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de outro, ou na correção de princípios abstratos, conhecimento técnico. Em condições de modernidade, a confiança existe no contexto de: (a) a consciência geral de que a atividade humana- incluindo nessa expressão o impacto da tecnologia sobre o mundo material- é criada socialmente, e não dada pela natureza das coisas ou por influência divina; (b) o escopo transformativo amplamente aumentado da ação humana, levado a cabo pelo caráter dinâmico das instituições sociais modernas. O conceito de risco substitui o de fortuna, mas isto não porque os agentes nos tempos pré-modernos não pudessem distinguir entre risco e perigo. Isto representa, pelo contrário, uma alteração na percepção da determinação e da contingência, de forma que os imperati-

vos morais humanos, as causas naturais e o acaso passam a reinar no lugar das cosmologias religiosas. A idéia de acaso, em seus sentidos modernos, emerge ao mesmo tempo que a de risco" (GIDDENS, 1991, P.36).

Diante desse contexto a construção da identidade do sujeito encontra-se afetada por causa da mobilidade de sua subjetividade. Ele sofre uma crise de identidade na busca pela forma ideal e adequada para se viver. A descontinuidade que caracteriza a ideia de "modernidade radicalizada" proposta por Giddens faz com que o indivíduo sintam-se aflito e esteja carente ausente de uma confiança básica refugiando-se num estilo de vida, que para ele, é uma opção entre várias outras. (GIDDENS, 2002)

O sujeito moderno também é afetado pela segurança ontológica. Essa segurança presente em todos os seres humanos em todos os tempos, consiste na confiança básica criada nos primeiros processos de socialização do sujeito e refere-se ao seu psicológico e à construção de sua auto-identidade compondo em parte a confiança do indivíduo. Na modernidade o sujeito tem sua segurança ontológica afetada em vista de que o risco proporciona ao sujeito o sentimento de confiança uns nos outros e nos sistemas peritos, e ansiedade, por diversos estímulos e pelas demais opção com se que defronta, ao mesmo tempo.

O indivíduo encontra-se numa cultura do risco, repleto de dúvidas buscando a aceitação no seu meio. A compreensão da relação entre confiança e risco é fundamental para entender a modernidade para Giddens na medida em que o sujeito vive repleto de dúvidas buscando a aceitação no seu meio, pois além de depositar confiança nos sistemas peritos o sujeito confia nas pessoas.

Essa idéia de confiança nos outros indivíduos e nas instituições pode ser observada nos meios de transparência nos serviços públicos, na visão da ciência enquanto resposta aos conflitos modernos, no uso diário de tecnologias que nem mesmo conhecemos. Mas acreditamos na sua eficiência, como os meios de transporte como os automóveis e os aviões.

"Confiança e risco, oportunidade e perigo- estas características polares paradoxais, da modernidade permeiam todos os aspectos da vida cotidiana, mais uma vez refletindo uma extrapolação extraordinária do local e do global. A aceitação pragmática pode ser mantida em relação à maioria dos sistemas abstratos que invadem as vidas dos indivíduos, mas por sua própria natureza tal atitude não pode ser mantida o tempo todo e as respeito de todas as áreas de atividade" (GIDDENS, 1991, p. 13).

Giddens compreende a modernidade dentro de etapas sucessivas de reflexividade que envolvem os sistemas sociais. Desse modo, a autonomia do indivíduo vai diminuindo de acordo com as conexões globalizadas. Essas ligações

globais promovem riscos ao sujeito posto que o faz perder controle sobre as conseqüências de suas atitudes provocando um deslocamento frente as situações não mais íntimas e pessoais, e sim formais e globais.

As (des)estruturas da modernidade

Ao contrário de Foucault, que questiona quem participa da produção do conhecimento e quais as relações de poder que estão por trás dele, Giddens considera que o aumento da circulação da informação torna o sujeito ativo e transformador capacitando-o de reavaliar seu conhecimento. Para ele a reflexividade do sujeito moderno reflete sua subjetividade e sua busca por um equilíbrio entre o risco e a confiança ao unir fé e boas razões quando confia nas pessoas e nos sistemas. Somente o conhecimento reflexivo, que também é encontrado nas instituições, serve de mecanismo de subversão à instabilidade do mundo moderno.

Para Giddens uma sociedade repleta de refletividade é uma sociedade emancipada. Todavia a refletividade é uma propriedade dos indivíduos. Isso quer dizer que as ações sociais são pensadas por ele numa perspectiva de atores individuais e não coletivos. A subjetividade do sujeito encontra-se na refletividade que é capaz de apaziguar as profundas mudanças e o conjunto de descontinuidades produzidas pela interconexão entre o social e o globo, que afetam tanto as instituições sociais quanto o íntimo e o cotidiano dos sujeitos na medida em que Foucault propõe um questionamento sobre a veracidade desse conhecimento e sobre quem o produz, pois tanto os mecanismos de controle como os de subversão são aspectos entrelaçados na sua ideia de poder.

"Um dos meus objetivos é mostrar as pessoas que um bom número de coisas que fazem parte de sua paisagem familiar- que elas consideram universais- são o produto de certas transformações históricas bem precisas. Todas as minhas análises se contrapõem a ideia de necessidades universais na existência humana. Elas acentuam o caráter arbitrário das instituições e nos mostram de que espaço de liberdade que ainda dispomos e quais são as mudanças que poder ainda se efetuar" (FOUCAULT, 2006, p. 296).

Neste sentido, podemos visualizar nítidas distinções teóricas entre eles, pois se pensarmos a modernidade apenas enquanto pano de fundo de práticas reflexivas estaremos deixando de lado as demais relações de poder que tanto manipula e ordena, em termos foucaultianos, as manifestações espontâneas das pessoas, como a escola, a ciência e as instituições.

Conclusões

Podemos notar que apesar das discordâncias, os dois autores têm muito a contribuir para a compreensão das complexas relações na contemporaneidade. Uma visão comparativa entre eles nos leva a discutir acerca de seus conceitos, como por exemplo, será que a sociedade reflexiva proposta por Giddens possibilita uma democracia? Até que ponto essa refletividade emancipa o sujeito? Os mecanismos de dominação apontados por Foucault estariam por trás da circulação das informações e produção de conhecimento? Será que os mecanismos de subversão apontados por estes são realmente emancipadores?

Foucault ressalta a força que o poder tem em suas demais ramificações, no entanto no fim de sua obra ele propõe alguns caminhos de enfretamento às estruturas modernas. Essas explicações, principalmente no que diz respeito à noção de domínio de si, possuem lacunas que certamente não existiram caso o sociólogo tivesse oportunidade de terminar sua trilogia História da Sexualidade.

"Somos todos seres que vivem e que pensam. Aquilo contra o qual reajo é a ruptura que existe entre a história social e a história das ideias. Supõe-se que os historiadores das sociedades descrevam a maneira como as pessoas agem sem pensar, e os historiadores das ideias, a maneira como as pessoas pensam sem agir. Todo mundo pensa e agem ao mesmo tempo [...] Se verdadeiramente procurei analisar as mudanças em meus livros, não foi para encontrar suas causas materiais, mas para mostrar a interação entre diferentes fatores e a maneira como os indivíduos reagem. Acredito na liberdade dos indivíduos. Diante da mesma situação, as pessoas reagem de maneira muito diferente" (FOUCAULT, 2006, p. 299 e 299).

Não obstante, Giddens coloca o indivíduo numa situação instável e ao mesmo tempo vinculado as decisões individuais. Acredito numa certa fragilidade em seu argumento no que toca a autonomia plena do indivíduo, posto que não se pode deixar de lado o fato de que na sociedade moderna, capitalista por excelência, o diálogo democrático é por muitas vezes manipulado pelos detentores do capital.

Sendo assim, somente uma abrangente pesquisa poderia dar conta das suas inúmeras definições e interpretações das relações sociais modernas, contudo podemos assinalar que ambos compreendem a instabilidade do mundo atual agindo sobre o sujeito e ao mesmo tempo apresentam mecanismos de resistência do sujeito moderno, que o faz ativo na busca da sua vontade individual, seja parcialmente pelas técnicas de si, para Michel Foucault, seja por meio da reflexividade, para Anthony Giddens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel (2006), "Ética, sexualidade e política" (Coleção Ditos e Escritos). Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- _____. (1999a) "História da Sexualidade 1: a vontade do saber." Rio de Janeiro, Graal.
- _____. (1999b) "História da Sexualidade 3: o cuidado de si." Rio de Janeiro, Graal.
- _____. (1979) "Microfísica do poder". Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal.
- _____. "Sexo, poder e indivíduo - Entrevistas Selecionadas", Tradução de Davi de Souza e Jason de Lima e Silva, Desterro: Nefelibata, 2005.
- _____. (2007) "Vigiar e Punir: nascimento da prisão"; tradução de Raquel Ramalhe. 34. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes
- GIDDENS, Anthony (1991), "As consequências da modernidade". 2 ed., São Paulo, UNESP.
- _____. (2002), "Modernidade e identidade". Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- _____. (2003), "A constituição da sociedade" São Paulo, Martins Fontes.